

**O MEDO DO ENCONTRO E A CRISE IDENTITÁRIA:  
*AUTO DOS ANFITRIÕES E O HOMEM DUPLICADO***

Eli Fernandes de Souza<sup>1</sup>

**Introdução**

Diferentemente do encapelado mar enfrentado pelos bravos marinheiros portugueses – em *Os lusíadas*, de Luís Vaz de Camões – ou do caos urbano vivido por cidadãos comuns – em *O ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago – as obras *Auto dos Anfitriões* e *O homem duplicado*, escritas, respectivamente, pelos autores portugueses citados, tratam do caos existencial em que o sujeito é lançado, em virtude de um fato inusitado: o encontro com sua própria imagem/cópia.

Não veremos, aqui, os detalhes dos memoráveis episódios que narram os caminhos e descaminhos do navegador Vasco da Gama, nem estudaremos a cegueira branca que atingiu implacavelmente homens e mulheres desnomeados de uma cidade também sem nome, mas, sim, várias situações que estão ancoradas na crise identitária presentes em *O Auto dos Anfitriões* e em *O homem duplicado*.

Essa crise, tal qual uma tromba marítima, tem o poder de diluir o sujeito – quando diante de seu *outro* – a uma situação reificada, nulificada. Essa condição também deixa o *eu* cego, porque ele não tem mais possibilidades de encontrar uma saída de seu esfacelamento existencial. Daí, reforçamos que descartaremos, no presente artigo, o caráter cômico do *Auto* e voltaremos nossa lente para os ecos de uma voz que sofre, para o enfoque ontológico, no sentido *heideggeriano* do termo.

É na esteira desse ambiente que o leitor se depara com um assunto comum a ambas as obras, o duplo – a concepção do indivíduo cindido –, tema este que tem recebido vários tratamentos na literatura, dentre os quais podemos citar os enfoques teológico, antropológico e psicanalítico. A respeito dos quais discorreremos resumidamente adiante.

Na história do Gênesis, na *Bíblia Sagrada*, o homem, que era um, foi bipartido e passou a enfrentar o enfraquecimento em sua existência, até então singular. Já o estudioso Stuart Hall (2006) demonstra, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, que a partir do Iluminismo, o sujeito adquire a condição de um homem fragmentado, devido a uma

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

crise de identidade, assunto que será ampliado no corpo deste artigo. Esse *vacuum* existencial fica esclarecido, também, com a psicanálise, método desenvolvido pelo neurologista Sigmund Freud, que apresenta o indivíduo dividido entre o consciente e o inconsciente.

A partir dessas três rupturas, apreende-se que, desde o estágio edênico, a vida do homem transformou-se em uma ininterrupta busca pela metade perdida. É nesse universo que o homem dividido deseja buscar seu duplo, mesmo não sabendo exatamente o que ocorrerá no momento do encontro em virtude da tensão instaurada entre o *eu* e o *outro*. Bravo (*in* BRUNEL, 2000: 263) nomeia essa tensão de medo do encontro. Exemplos desse medo podem ser visto no conto *William Wilson* (1839), de Edgar Allan Poe; no poema *Minha sombra* (1870), de Robert Louis Stevenson e no filme *O estudante de Praga* (1914), de Hans Heinz Ewers, entre outras obras. Em todos os exemplos em que o *eu* se deparou com o seu *outro*, o encontro foi sempre conflituoso, por causa da fragmentação da identidade e do descentramento do sujeito.

### **O medo do encontro**

Este artigo visa a aprofundar-se na questão ontológica do sujeito, por meio da análise de Tertuliano Máximo Afonso, um professor de História de uma escola secundária e de Sósia, um escravo tebano. Os percursos pelos quais as personagens trilham para o encontro de seu *outro* espelham, metaforicamente, como o sujeito da modernidade também se encontra multifacetado, dividido, em virtude de viver em meio a uma sociedade narcisista. Por essa condição egocêntrica, essa sociedade se torna cultivadora das padronizações, transformando o indivíduo em um sujeito sem referências, a ponto de nadificá-lo.

Assim, para fazer o devido paralelo, registramos, em primeiro lugar, quem é Sósia – personagem de o *Auto dos Anfitriões* –, o escravo e mensageiro do general tebano Anfitrião. Enquanto este guerreia contra o Rei Terela, o deus Júpiter absorve a figura de Anfitrião para deitar-se com Alcmena, a esposa do general. O deus do Olimpo tem êxito em seu objetivo, devido à ajuda do deus Mercúrio, que também rouba a forma de Sósia. Quando o verdadeiro Sósia chega, a mando de seu dono, para trazer notícias do acampamento de guerra, Mercúrio entra em ação (com a forma de Sósia) para proibir o copiado de passar porta adentro, viabilizando, desse modo, ainda mais o sucesso do plano

de Júpiter. O resultado desse encontro foi que Sósia vê, diante de si, uma imagem idêntica à sua, porém mais forte, causando um verdadeiro quiproquó que só é desvendado no final do *Auto*, depois de se passarem grandes momentos de confusão, desentendimentos – às vezes de risos – tudo isso acompanhado, por outro lado, de considerável grau de tensão.

Enfim, como em uma antiodisséia, as personagens Sósia, Anfitrião e Tertuliano trilham percursos, onde enfrentarão vários tipos de Hidras de Lerna e sendo obrigados a carregarem – como Sísifo – pedras imensas sobre si, figuras essas recorrentes em *O homem duplicado* e que autorizam a presente análise. Desta forma, uns sofrem castigos por crimes não praticados, outros padecem as mazelas de um inferno de Dante, mas todos se depararão diante de um cavalo de Tróia, e, como os habitantes daquela antiga cidade, não saberão com exatidão, o que lhes espera.

Quanto mais as metáforas são construídas, tanto mais elas representam não o mal de um século, mas a chaga de todos os tempos, ou seja, a dor que ultrapassa qualquer tipo de sofrimento: físico, moral ou psicológico. O infortúnio maior a ser demonstrado, no percorrer deste trabalho, é a angústia existencial padecida pelo homem que se subtrai diante de seu outro e sofrida pelo indivíduo que perde o seu maior bem: a identidade. Subtrações. Diluições. Reificações...

As reticências do parágrafo anterior representam a metáfora de uma personagem que está vivendo uma vida sem objetivos e sem nexos existenciais. Trata-se do professor de história Tertuliano Máximo Afonso, que aceita a sugestão de um amigo, professor de Matemática, para assistir a um filme (chamado *Quem porfia mata a caça*) como solução para os problemas de depressão pelos quais Tertuliano já vem sofrendo desde alguns meses.

Assim, no romance *O homem duplicado*, percebemos Tertuliano relutar em assistir ao filme, pois há meses ele se encontra obsessivamente ocupado com os estudos das antigas Civilizações Mesopotâmicas, mas, depois de certa resistência, acaba cedendo à sugestão do amigo. No filme, ele percebe que um dos atores é exatamente como ele. O mesmo olhar, o mesmo modo de falar, a mesma tonalidade de voz e os mesmos traços físicos. Enfim, Tertuliano dá-se conta de que ele e o ator visto no filme não são apenas semelhantes como os gêmeos, mas são irrefutavelmente iguais. Tal visão é tão impactante que, no dia seguinte, Tertuliano retorna ao local onde locou o primeiro filme e aluga pelo menos doze títulos do mesmo produtor, para ver se identifica um nome comum entre todos aqueles

filmes e se consegue localizar aquele ator-cópia, que mais tarde descobre se tratar de Daniel Santa-Clara, nome artístico de António Claro.

*O homem duplicado* retoma, assim, não só o Mito de Anfitrião, que é um dos elos entre as duas obras estudadas, mas também os mitos de Hércules e de Sísifo. O primeiro mito é representado no romance pelo árduo trabalho de Tertuliano em assistir a tantos títulos de filmes para descobrir a verdadeira identidade do ator Daniel Santa-Clara, dialogando, dessa forma, com as doze atividades do herói grego. Já o segundo é mostrado pela pesada tarefa que Máximo Afonso carrega sobre seus ombros, lembrando a enorme pedra que o Sísifo carregava sobre os próprios ombros. Tanto em um caso, como em outro, as metáforas revelam o conflito ontológico vivido pelo professor. Inclusive, desde o início do romance, Tertuliano Máximo Afonso é apresentado pelo narrador como um indivíduo depressivo e sem perspectiva de futuro, por isso esse professor diz para seu amigo professor de Matemática: “[...] não estou doente, o que me sucede é que tudo me cansa e me aborrece, **essa maldita rotina, esta repetição, este marcar passo**” (SARAMAGO, 2002: 13, grifo nosso). Esse trecho é revelador de um sujeito estratificado, fragmentado, nulificado em virtude de uma vida sem perspectivas, refletindo o *ableben* de Heidegger (2008), ou seja, o falecimento do sujeito diante da falta de perspectiva existencial.

Como se vê no exame das obras, na experiência da personagem Sósia, há quase um prenúncio do que ocorrerá com Tertuliano, pois, se o escravo padeceu diante de seu duplo Mercúrio, no passado, o professor de História também sofrerá perante António Claro, na atualidade. A seguir, será transcrito um fragmento de o *Auto dos Anfitriões*, cuja escolha se justifica por, em primeiro lugar, apresentar uma situação deveras angustiante para Sósia, pois ele se sente destituído de identidade diante de sua cópia Mercúrio-Sósia e, em segundo lugar, pelo fato de esse extrato trazer em seu bojo a mesma sofreguidão existencial que será vivida por Tertuliano:

Sósia: Pues, luego, si yo no soy yo,  
Aunque nadie me mató,  
Soy luego cosa ninguna.  
Oh, Dioses! Qué desconcierto!  
Yo porventura soy muerto,  
O murióme la razón?”<sup>2</sup> (CAMÕES, 1981: 70-71).

---

<sup>2</sup> “Sósia: Pois, logo, se eu não sou eu, / Ainda que nada me matou, / Logo, não sou nada. / Oh, deuses! Que desconcerto! / Porventura, sou morto, / Ou morreu a razão?”

Percebe-se, nesse excerto, a voz do *eu* dividido e reificado perante o *outro*, o reflexo do sujeito coisificado em virtude de sua incapacidade de viver em um mundo fragmentado, individualista e que busca somente valores materiais, de modo que ele (o *eu*) se torna fruto e vítima da sociedade que supervaloriza tão-somente o *ter*, em detrimento do *ser*.

### **Crise identitária**

Tertuliano, como um protótipo do homem da modernidade, priva-se de sua principal propriedade – a identidade –, voltando-se, por isso, ora ao passado (para as antigas civilizações mesopotâmicas), ora em demasia para o futuro que, no entanto, representa, para a personagem, a impossibilidade de saída, como é denunciado em diversas partes do romance:

Cada segundo que passa, é como uma porta que se abre para deixar entrar o que ainda não sucedeu, isso a quedamos o nome de futuro, [...] talvez a idéia correcta seja a de que o futuro é somente um imenso vazio (SARAMAGO, 2002: 172).

Diante da diluição da identidade e do *vacuum* existencial, o protagonista prende-se às suas obsessões, que não apontam saídas. Ao contrário, representam caminhos labirínticos que repetem contornos, que agudizam o drama de existir, como sintetiza Alvarez (2008). Circunscrito em um mundo de repetições e de fixações, o comportamento de Tertuliano dialoga com o mito de Sísifo. Então, veja-se: na leitura do romance, percebe-se que nos últimos dias, antes de encontrar-se com seu duplo António Claro, o professor de História frequentemente tem o mesmo pesadelo, como é visto no seguinte excerto:

Acordou tarde. A noite fora de sobressaltos, atravessada por sonhos fugazes e inquietantes, uma reunião do conselho escolar a que faltavam todos os professores, um corredor sem saída, uma cassete de vídeo que se recusava a entrar no aparelho, uma sala de cinema com o ecrã negro e em que um filme negro passava, uma lista telefónica inteira com o mesmo nome repetido em todas as linhas, mas que ele não conseguia ler, uma encomenda postal com um peixe dentro, um homem que levava uma pedra às costas e dizia *Sou amorreu* (SARAMAGO, 2002: 129, grifo nosso).

Percebe-se que o inconsciente da personagem está recuperando todos os elementos vividos durante os últimos dias, principalmente durante sua vigília. Segundo Freud (1996), o sonho tem algum significado especial para seu autor, uma vez que, para esse psicanalista, “o sonho realiza, em pelo menos dois níveis, incidentes que não foram resolvidos ou que fazem parte dos padrões mais amplos e antigos que nunca foram solucionados” (FADIMAN; FRAGER, 1979: 17). A vida de Tertuliano está envolvida em vários incidentes não resolvidos, sendo que todos eles se relacionam com a sua busca, daí o motivo de seu sonho.

É representativo o momento em que Tertuliano diz que não deseja falar mais do estudo dos sinais ideológicos, nome dado pela personagem para não revelar seu verdadeiro objetivo que é ver António Claro: “[...] disse para retirar esta inoportuna pedra do meio do caminho [os sinais ideológicos], mas cômico que tinha acabado de pôr outra no lugar, mais difícil de remover” (SARAMAGO, 2002: 106). Essa resolução pode ser encarada como uma forma de Tertuliano querer esquivar-se de um problema que o inquieta e, impotente diante de seu próprio destino, retorna ao que o angustia, qual Sísifo em seu fado inexorável.

Para contextualizar essa relação de Tertuliano com o mito de Sísifo, apresenta-se um resumo da história desse rei. Sísifo vê Zeus (Júpiter, na mitologia romana), transformado em uma águia, levar em suas garras a bela Egina, filha do deus-rio Asopo, para um lugar afastado, a fim de realizar mais uma de suas aventuras amorosas com ela. Dias depois, interrogado por Asopo sobre o paradeiro da filha, Sísifo diz-lhe que atende ao pedido se esse deus presentear-lhe com um rio em suas terras. O pai da moça aceita a condição. Quando Zeus descobre o ocorrido, resolve aplicar um castigo no delator Sísifo. Para tanto, o deus do Olimpo ordena que o próprio deus da Morte (Tânatos) leve Sísifo ao mundo inferior, Hades. Como esse rei é muito astuto, ao encontrar-se com a Morte, resolve tecer-lhe vários elogios, prometendo-lhe, em seguida, dar-lhe um colar, que é, na verdade, uma grande corrente que serve para prender a Morte.

Além desse, tantos outros foram os ardis que Sísifo praticara, que os deuses resolvem condená-lo a uma tortura eterna, fazendo-o empurrar uma enorme pedra até o cume de um monte, de onde, em virtude de seu peso, acaba caindo de volta para o sopé. A operação é, assim, eternamente repetida.

A respeito desse mito, Camus (1989) afirma que ele representa todo trabalho inútil e sem esperança feito pelos homens. Fazem parte desse rol aqueles exageradamente burocráticos, os arduamente realizados e aparentemente inúteis, visto não se saber para que servem e aqueles cansadamente repetitivos, como mostra Charles Chaplin no filme *Tempos Modernos*, onde um operário atua com tantos movimentos mecânicos a ponto de repeti-los mesmo fora do ambiente de trabalho. No romance ora analisado, Tertuliano Máximo Afonso, devido a seu conflito existencial, sente-se um *Sísifo moderno*. Isso se dá tanto em virtude de sua falta de perspectiva profissional, concernente, não apenas ao seu sentimento de fragilidade e à sua constante depressão, mas como de seu estado de sujeito fragmentado e desreferencializado.

A falta de referências em Tertuliano fica evidente, quando esta é cotejada com o significado sugerido pela expressão “Sou *amorreu*”. Na etimologia, o termo “amorreu” vem do hebraico *amori* que significa, dentre as diversas acepções, “amargo e rebelde”. Consequentemente, é possível interpretar que a personagem possui uma existência amarga e é um rebelde diante de seu destino.

Várias atitudes de Tertuliano comprovam seu comportamento repetitivo, insistente, inconsciente, por isso, sempre ineficaz. Ele acabara de sair de um casamento malsucedido para entrar em um namoro falido. Essa personagem persiste em estudar a já mencionada civilização, no entanto, nunca chega a uma conclusão concreta, pois ao tentar conhecer a si mesmo, ao seu duplo e retroagir na História, ele se perde no emaranhado dos próprios conflitos. Tertuliano sofre por não se reconhecer na sua integralidade, por considerar-se a sombra do seu duplo.

A esse respeito, Alvarez (2008) ressalta que a descoberta de Tertuliano de que Antônio Claro nascera alguns minutos antes agrava ainda mais a síndrome de ser a cópia, de ser o avesso do outro, de *não-ser*. A ausência de consciência da sua ontogenia, do *Dasein*, do *estar aí*, impede-o de perceber-se em sua posição irredutível de existência, mas com todas as possibilidades de ser. De acordo com Heidegger (2002: 13), “o *Dasein* é o ente que compreende o ser”, o que significa compreendê-lo em sua existência e entender a existência como possibilidade sua, de ser ou de não ser *si mesmo*, com a qual está concernido. Se o *Dasein* é um ente, é um ente que põe em jogo o seu próprio ser. Portanto, existir significa constantemente interpretar-se, questionar-se a si no tempo: presente, passado, futuro e na relação entre esses tempos. É dessa visão quadridimensional do

tempo, da circularidade hermenêutica que se erige o ser como *Dasein*, como *Sorge*, ou seja, *cuidado*, preocupação com a própria existência, princípio da constituição ontológica do ser, que leva em conta o movimento e as relações do *Dasein* – que responde com *responsabilidade* por *Ser-no-mundo*. Segundo Penna (1994: 30), “a relação de cuidado consigo mesmo caracteriza todas as relações da vida relacionando-se, assim, com a vida como um todo”.

Ainda nessa perspectiva, a pesquisadora Alvarez (2008) lembra que o princípio de interpretação da História partindo de si e voltando para o passado – uma das propostas de Tertuliano para o estudo dessa disciplina – poderia ser, para o professor, o início de sua consciência de *Dasein*; no entanto, falta ao protagonista a propriedade intrínseca de ser enquanto sujeito que se interpreta a cada instante nas múltiplas relações que ele pode estabelecer com o passado, com o futuro, com o presente e, por fim, com a urdidura de todas essas instâncias da existência em sua correlação, em sua circularidade. Falta a Tertuliano desvelar-se e reconhecer-se como sujeito com possibilidade de fazer escolhas, consciente de que é um ser em movimento e de que não deve fixar-se apenas naquele em que se desdobra, António Claro, ou fixar-se no passado, cultura mesopotâmica. Destituído de lucidez, guiado pela Vontade, Tertuliano se autodestrói, caminhando pelas veredas do niilismo.

O exame da construção da consciência de Tertuliano Máximo Afonso também pode ser desenvolvido ainda sob a perspectiva do seu encontro com António Claro, seu duplo. Ao descobrir que este é o verdadeiro nome do ator Daniel Santa-Clara, Tertuliano usa todos os artifícios, dos mais justos até os mais discutíveis, para conseguir entrar em contato com António. O professor chega a usar do amor que Maria da Paz lhe dedica, com o intuito de tão-somente atingir seus objetivos. Assim, sem se importar com os sentimentos dela, telefona-lhe para falar sobre diversos assuntos no que diz respeito ao relacionamento de ambos, mas ela, imediatamente, descobre que Tertuliano tinha ligado apenas para pedir-lhe um favor. Ele solicita para a namorada que mande uma carta, no nome dela, para a empresa onde o ator trabalha, a fim de conseguir o endereço deste. Tertuliano Máximo Afonso está tão determinado em ver seu duplo que começa a esquecer o quanto importa o sentimento das pessoas que se relacionam com ele, por isso não atende às advertências do Senso Comum – o interlocutor de Máximo – nem às de D. Carolina, sua mãe. Ele não se vê como o ser que se constitui das muitas relações com o mundo, como diz Heidegger (2002),

ou com o outro, conforme considerações de Bakhtin (2002); enfim, Tertuliano deixa a razão e lança-se nas mãos do destino.

### **Considerações finais**

Vimos, na trajetória do artigo, que o encontro dos duplos oferece subsídios para responder a hipótese explícita em todo o transcorrer deste trabalho: a perda da individualidade humana é uma ocorrência exclusiva do sujeito do século XXI? A resposta a essa questão é possível com o apoio teórico apresentado e com as análises realizadas, de onde se depreende que a questão do enfraquecimento do *eu* se dá em qualquer tempo e lugar, pois não há exclusividade de uma determinada civilização em sofrer mais esse tipo de problema do que outra.

Outra reflexão possível de se absorver dos capítulos precedentes diz respeito a que Tertuliano, muito embora tenha se empenhado para ver o seu duplo, sucumbe no limiar do medo do encontro, conceito defendido por Bravo (*in* BRUNEL, 2000: 263), até porque cada vez que o *eu* se aproxima do *outro*, estes se imbricam na categoria de uma única pessoa, deduzindo-se daí a crise identitária do indivíduo. Esse medo pode estar relacionado com as incertezas do professor, como, por exemplo, ao se considerar o ato de ele pesquisar as fitas de vídeos e não saber exatamente com quem ou com o que se deparará. O comportamento de Tertuliano, como vimos, é de quem vive uma existência entediante, desestimuladora, que lhe causa depressão, instabilidade emocional. O aparecimento de Antônio Claro provoca uma mudança tão radical no curso de sua vida, que é absorvido por este *outro*.

Em o *Auto dos Anfitriões*, a despeito dos momentos de riso e de comicidade, as personagens Sósia e Anfitrião vivenciam a severa mazela de ter se encontrado com Mercúrio e Júpiter, estes os executores da angústia existencial sofrida pela cisão do *eu* daqueles. Esse medo do encontro fica mais evidente ainda em Sósia devido à sua condição de escravo, situação esta que vai se intensificar muito mais quando ele vê diante de si Mercúrio se expressando, rindo, agindo como o próprio escravo falava, ria, agia. Contudo, os desajustes não podem ficar limitados à vida do escravo e à de Anfitrião, porque o próprio Júpiter tem um sentimento, não de medo, propriamente dito, mas de estranheza, de *unheimlich*, conforme acepção alemã criada por Sigmund Freud, pois apesar de ser-lhe

comum o processo de transmutação, ele precisa do conselho de Mercúrio para tomar uma decisão tão fácil que é tomar a forma do general Anfitrião.

Finalmente, da análise do *corpus* apreende-se que, na literatura antiga, o conflito da perda da individualidade é apenas pontual, não atingindo integralmente as dimensões dramáticas. Já na literatura moderna, com frequência, esse tipo de perda atinge desfechos marcados pela tragicidade. Como se viu no percurso das análises realizadas, no auto camoniano, o conflito instala-se e finda-se por influência dos deuses do Olimpo; a crise identitária não se agrava, porque se dilui diante do riso, do tom jocoso. Em *O homem duplicado*, por sua vez, em virtude da solidão humana, do individualismo e da desreferencialização do homem moderno, a crise ontológica abriga-se na existência do protagonista, desarraiga suas defesas e o destrói.

## Referências

ALVAREZ, Aurora Gedra Ruiz. *Anotações dos encontros de orientação*. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

BRUNEL, Pierre (org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind *et alii*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2000.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Trad. Mauro Gama. Rio de Janeiro: Koogan, 1989.

*Estudante de Praga*. Dir. Henry Galeen. Alemanha. Sokal Film. 1926.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. *Teorias da personalidade*. Trad. Lauro Bretones. São Paulo: Harbra, 1979.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: \_\_\_\_\_. *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: história de uma neurose infantil e outros trabalhos*. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1986, v. 17.

\_\_\_\_\_. *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: interpretação dos sonhos*. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 3.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Benedito Nunes. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Coleção Passo a Passo).

PENNA, Antônio Gomes. A dispersão do pensamento psicológico e a impossibilidade de sua unificação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 46, n. 1/2, p. 13-34, 1994.

POE, Edgar Allan. Willian Wilson. In:\_\_\_\_\_. *Poesia e prosa: obras escolhidas – novelas, contos, colóquios, poemas, ensaios*. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

SARAMAGO, José. *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Ms. Eli Fernandes de Souza  
elifernandessouza@hotmail.com  
41884770 res.  
74731610  
72761472 (Recado para Corina, esposa)

## RESUMO

Partimos do pressuposto de que os textos mantêm um diálogo constante entre si, como se depreende no todo da obra de Mikhail Bakhtin, cuja teoria será o leme teórico principal deste artigo. Daí o objetivo, aqui, é fazer uma análise do medo do encontro e da crise identitária presentes na obra de Luís Vaz de Camões, *Auto dos Anfitriões*, e no romance de José Saramago, *O homem duplicado*, sob a perspectiva da temática do duplo que liga intertextualmente as referidas obras.

Palavras-chave: Duplo; Medo do encontro; Crise identitária.

## ABSTRACT

We assume that the texts maintain a constant dialogue between themselves, as seen in all the work of Mikhail Bakhtin, whose theory is the theoretical helm of this paper. Hence the objective here is to analyze the fear of meeting and of the identity crisis in the present work of Luis Vaz de Camoes, the *Hosts Auto* and the novel by José Saramago, *the man twice*, from the perspective of the theme of double that alloy intertextually those works.